

# NIGREDO – LUMEN NATURAE

Luciana Aires Mesquita  
UNICAMP, Brasil  
mitoludens@gmail.com

## RESUMO

*Nigredo - lumen naturae* tece reflexões sobre o preto através da tradição alquímica ocidental e mitologia grega, intercalando diálogos entre John Gage e James Hillman, juntamente com pensadores da psicologia profunda, tendo como premissa a linguagem metafórica com o propósito de cultivar a imaginação poética, abandonado o literalismo unilateral. Neste presente artigo o foco está com a fase *nigredo*, interrelacionada com o deus Hades, da mitologia grega. As obras de Blake, Reinhardt, Matisse, Manet, Kiefer, Ernst, Escher, Rothko, Soulage nos trazem o aspecto luminoso da escuridão do preto. O sol negro é recorrente na alquimia, como um preto mais preto que o preto que brilha com luminosidade escura, que segundo Stanton Marlan, abre aspectos luminosos na vida psíquica. Para Gage, o preto enquanto luz é ainda uma idéia cheia de paradoxos e necessita mais investigações. A proposta aqui é trazer uma reflexão para um possível olhar pós-newtoniano.

Palavras-chave: alquimia, nigredo, mitologia, Hades, sol negro, psicologia arquetípica.

## RESUMEN

*Nigredo - lumen naturae* teje reflexiones sobre el negro a través de la tradición alquímica occidental y mitología griega, intercalando diálogos entre John Gage y James Hillman junto con pensadores de la psicología profunda, teniendo como premisa el lenguaje metafórico con el propósito de cultivar la imaginación poética, abandonado el literalismo unilateral. En este presente artículo el foco está con la fase *nigredo*, interrelacionada con el dios Hades, de la mitología griega. Las obras de Blake, Reinhardt, Matisse, Manet, Kiefer, Ernst, Escher, Rothko, Soulage nos traen el aspecto luminoso de la oscuridad del negro. El sol negro es recurrente en la alquimia, como un negro más negro que el negro que brilla con luminosidad oscura, que según Marlan, abre aspectos luminosos en la vida psíquica. Para Gage, el negro como luz es todavía una idea llena de paradojas y necesita más investigaciones. La propuesta aquí es traer una reflexión para una posible mirada post-newtoniana.

Palabras clave: alquimia, nigredo, mitologia, Hades, sol negro, psicologia arquetípica.

*Quando veres tua matéria enegrecer,  
regozije-se, pois este é o início do trabalho.  
Rosarium Philosophicum (1550).*

Teço aqui algumas considerações sobre a alquimia, a mitologia e o preto. Gostaria de convidá-los para uma reflexão conjunta nesta aventura mito-alquímica-poética. Proponho um retorno à tradição alquímica e arquetípica, através das lentes de James Hillman, criador da psicologia arquetípica, que nos traz um olhar contemporâneo e ainda nos impulsiona para uma visão pós-newtoniana; de Carl Gustav Jung que nos revitaliza com questões desafiadoras nos dias atuais; além de Stanton Marlan e Edward Edinger, estudiosos da alquimia na visão junguiana. Tentarei alinhar esses pensamentos com algumas das questões sugeridas por John Gage, em suas obras *Colour and Culture – Practicing and Meaning from Antiquity to Abstraction*, *Colour and Culture - Art, Science and Symbolism* e *A Cor na Arte*. Vale frisar que o olhar que proponho aqui, tem como premissa a linguagem metafórica, com o intuito também de cultivar a imaginação poética e ampliação de visão em nossa atual conjuntura histórica. Tanto a alquimia, esta antiquíssima cultura pagã, quanto os deuses pagãos da mitologia grega, nos trazem um esplendoroso universo imaginal, abandonando, por completo, o literalismo unilateral -- nenhum termo significa apenas uma coisa. Façamos então um brinde a esta liberdade inventiva da alma, tão reduzida no nosso mundo materialista.

Como fomos traumáticamente amputados na imaginação, quando a fantasia passou a ser pecado com o advento da tradição judaico-cristã, acentuo que não é uma questão de “acreditar” na excentricidade da linguagem abstrata e imprecisa da alquimia, mas num “modo alquímico de imaginar”. Com as palavras de Hillman: “Repenetrar na alquimia. Sua beleza está justamente na sua linguagem materializada, a qual ao mesmo tempo nunca podemos tomar literalmente. Eu sei que não sou formado de enxofre e sal, não estou enterrado em estrume, putrefazendo ou congelando, ficando branco ou verde ou amarelo, cercado por uma serpente que morde o seu rabo, elevando-me em asas. E todavia eu sou! Não posso tomar nada disso literalmente, mesmo que seja tudo preciso, descritivamente verdadeiro. Mesmo quando as palavras são concretas, materiais, físicas, sabemos de cara que seria um grande erro tomá-las literalmente. A alquimia nos dá uma linguagem da substância que não pode ser tomada substancialmente, expressões concretas que não são literais.” (Hillman, 2011: 28)

Feita a advertência deste convite, sigo para a localização histórico-geográfica, da alquimia ocidental que tem raízes em Alexandria, no Egito em torno de 300 a.C.; sua prática técnica desenvolvida na Mesopotâmia; e, no campo da filosofia natural, na Grécia, destacando-se os neoplatônicos Heráclito e Plotino. Ainda no século III d. C, o neoplatônico Jâmblico de Cálcis-Síria, no período final do paganismo, tentou reintroduzir o paganismo em Roma. A alquimia vai ressurgir no final da Idade Média e

foi vastamente explorada por grandes pintores nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII como, por exemplo, Bellini, Giorgione, Ticiano, Bosch, Brueghel - o Velho, William Turner; na filosofia, por Marsílio Ficino, Schelling, Hegel, Swedenborg, Goethe, Newton, William Blake; na música, Mozart, Scriabin, Schönberg. No Renascimento surgiram muitos textos herméticos e seu declínio, no início do século XVIII, coincide com a consolidação do espírito científico moderno e seu suposto freio às ousadias da imaginação. Tendo profundas raízes no imaginário, ela não desapareceu totalmente, tendo inspirado muitos artistas, escritores e pensadores, como Yeats, Joyce, Rimbaud, Balzac, Mallarmé, Breton, Artaud, Carl Gustav Jung, e mais recentemente, James Hillman, Stanton Marlan, Edward F. Edinger, Rafael Lopez-Pedraza, além de outros estudiosos da psicologia junguiana e arquetípica, e de muitos artistas visuais.

A alquimia é subdividida por cores, sendo o preto para a fase *nigredo*, a branca o *albedo*, a *xanthosis* a amarela e a *rubedo* o vermelho. São as considerações dos alquimistas sobre as cores que serviram de base às teorias de Kircher, Goethe, Steiner e Newton. A própria ideia do disco cromático, conhecido como o “Disco de Newton”, decorre-se da representação da *uroboros*, formada por dois dragões, o dragão da luz e o dragão das trevas, ilustração Figura I, forte emblema da alquimia. O francês Nicolas Flamel (1330 – 1418), retorna à mitologia grega e nos apresenta o círculo de cores, anterior ao de Moses Harris de 1766, como ilustrado nas Figura II, editado por D. Molinier em 1772-1773 e Figura III, em *Le Bréviaire de Nicolas Flamel*, editado em 1762.

Figura I: R. Abrahami Eleazaris Urates Chymischeswerk. Schwartzburgicum, P. M & I. P. E. Erfurt, Verlegts Augustinus Crusius, 1735.

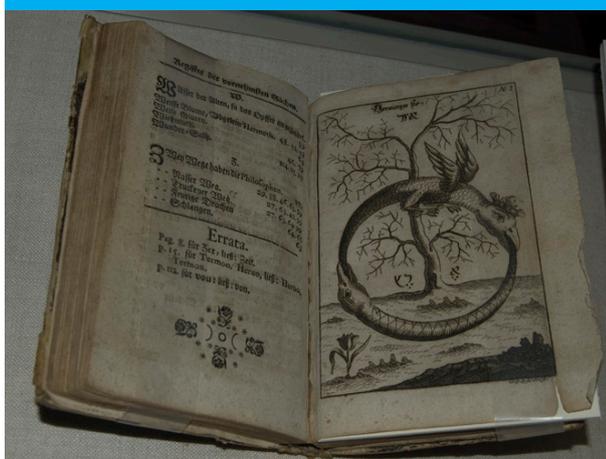


Figura II: D. Molinier, Alchemie de Flamel, 1772-1773.  
Figura III: Le Bréviaire de Nicolas Flamel (1762), Arbre d'Or, Genève, 2012.



Na tradição alquímica, as verdadeiras cores primárias são a preta e a branca. Nossas duas não-cores no olhar newtoniano. Depois surge a terceira, a vermelha. O amarelo e o azul surgem por uma relação intensificada de luz e treva. Com um pouco de detalhamento, *O Museu Hermético Alquimia & Misticismo*, por Alexander Roob, nos apresenta um pouco da complexidade alcançada na alquimia: “Cadmus, o matador de serpentes, que incarna as propriedades fixadoras do enxofre, imprime à roda filosófica das cores a sua primeira rotação. Vulcano observa-o atentamente junto do seu triplo forno, porque ‘as cores ensinam-te a manipular o fogo’ (Heinrich Keil, *Philosophisches Handbuechlein*, Leipzig, 1736). A matéria da fonte mercurial é representada como um camaleão que muda de cor. A primeira fase, de Saturno, é negra; a de Júpiter, cinzento-cinza; a da Lua, branca; a de Vênus, vai do verde azulado ao vermelho pálido; a de Marte, do amarelo avermelhado às cores vivas da cauda do pavão; e a do

Sol, de um amarelo pálido até ao púrpura intenso da aurora. [...] A circulação dos elementos faz-se por meio de duas rodas, uma grande e uma pequena, que caracterizam a extensão e a contração. A roda grande fixa todos os elementos através do enxofre [...]. A rotação da roda pequena termina com a extração e a preparação de cada um dos elementos. Mas esta roda comporta três círculos que trabalham incessantemente a matéria de modo complexo e variado [...], pelo menos sete vezes". (*Chymisches Lustgärtlein*, Ludwigsburg, 1744). *Speculum veritatis*, século XVII. (Roob, 2015: 547)

Podemos aqui, já ter o prenúncio da gama complexa de assuntos abordados na alquimia, envolvendo a mitologia, o fogo, as temperaturas, as cores, a astronomia, o combustível, os minerais, os metais, os animais, os banhos, os vasos, os movimentos de transmutação. Importante ainda acrescentar que na alquimia não se exclui o trabalho do trabalhador e o envolvimento de sua psique com a matéria. Nas palavras de Jung: "Uma vez que todos os alquimistas, com raríssimas exceções, não sabiam que estavam elucidando estruturas psíquicas, mas julgavam estar explicando transformações da matéria, justamente por isso nenhuma consideração psicológica ou susceptibilidade os impedia de levantar o véu dos processos realizados nos planos mais ocultos da psique, acerca dos quais teria receio e pudor qualquer pessoa consciente." (Jung, 1985: XVI)

O alquimista se via comprometido com algo sagrado e com uma arte que foi desenvolvida por séculos e fornecendo, como nos pontua Edinger, "uma anatomia da individuação" (Edinger, 1985: 22). Carl Gustav Jung nos esclarece que "trata-se de um ato de ver, e não da construção de novas verdades religiosas." (Jung, 1994: 26)

Com o foco na cor, James Hillman em acórdância com Victor Turner<sup>1</sup> afirma que as três cores, preto, branco e vermelho, são forças arquetípicas: "...são experiências comuns a toda a humanidade, são como 'forças' arquetípicas, biológicas, psicológicas e logicamente anteriores às classificações sociais, quinhões, clãs, totens sexuais e todo o resto. Para a cultura, preto e branco, e também o vermelho, precedem e determinam o modo como a vida humana é vivida." (Hillman, 2011: 127).

A alquimia estava intimamente compromissada com o mistério da vida e morte, e portanto ocupados com a questão dos opostos, que eram observados através das transmutações e polarização das cores. Chama-me a atenção, que é com muita brevidade que John Gage menciona, por uma única vez, a alquimia em seu clássico e denso livro *Colour and Meaning - Art, Science and Symbolism*: "...as substâncias instáveis deveriam ser transmutadas na substância estável, ouro, por um processo cujos estágios foram marcados pela aparência sucessiva de preto, branco, amarelo e violeta, ou, mais tarde, preto, branco, talvez amarelo e vermelho". (Gage, 2006: 69, *tradução nossa*).

Tendo a alquimia observado atentamente as transmutações das cores, imagino que se colocou o preto, o branco e o vermelho dentre as principais, deixando isso bem claro na subdivisão das fases e na rotação das rodas em constante movimento (pelo menos sete vezes!), creio que observaram os outros matizes decorrentes também de polaridades, e não só em termos de modulação, escalas harmônicas e simetrias de saturação, mas também com contrastes. De qualquer modo, é impossível pensar a alquimia e a mitologia de modo linear, apenas simetricamente. Se instável, *voilà!*, as cores são abstrações; ao estável, seria hoje a física quântica e nuclear? O ouro negro, nosso petróleo, no profundo mundo subterrâneo e que hoje seus derivados nos presenteia com as tintas quimicamente preparadas? Ou ainda, nos buracos negros do universo? Ou seria a bolsa de valores? Não me parece que o mito de Midas falava com os alquimistas. Pesquisadores da alquimia, que iniciam um avançado e sustentável estudo na psicologia, concluem que os alquimistas estavam falando em símbolos sobre a alma, unindo e trabalhando ao mesmo tempo o imaginário e o material sendo, o ouro que eles estavam tentando produzir não era o ouro comum ou vulgar, mas um *aurum non vulgi* ou *aurum philosophicum* - um ouro filosófico. Eles estavam preocupados tanto com a criação do homem superior quanto com a perfeição da natureza. Em uma entrevista na conferência de Eranos, Jung afirmou que "as operações alquímicas eram reais, apenas essa realidade não era física, mas psicológica. A alquimia representa a projeção de um drama tanto cósmico quanto espiritual em termos laboratoriais. O *opus magnum* teve dois objetivos: o resgate da alma humana e a salvação do cosmos"<sup>2</sup> (Marlan, 2005 9, *tradução nossa*)

Ainda com Gage: "...o elemento 'físico' da cor é simplesmente um conjunto de ondas de luz que penetram o olho e não têm, até então, nada que as identifique como 'cor' do modo como a entendemos. Esse elemento físico não é 'cor', trata-se apenas de tipos variáveis e energia radiante que, apesar de 'realmente' existirem no mundo exterior, são invisíveis. [...] A retina registra e transmite sensações, não percepções, e até o reconhecimento de uma única cor depende de processos cerebrais complexos, como por exemplo, inferência e memória. E primeiro lugar e acima de tudo, portanto, 'cor' é uma questão de psicologia". (Gage, 2012: X)

Embora a origem dos estudos da cor possa estar em outros ramos como a química que também teve início na alquimia, desenvolvida pela física, praticada pelos artistas, sentida fisiologicamente, inicia-se também valiosos estudos que hoje abrem perspectivas sustentáveis na psicologia com mergulho profundo no inconsciente, e aqui, incluo o olhar mitológico, como sugerido pela psicologia arquetípica. Arquetipicamente falando, faço um recorte dando todo o reconhecimento ao preto, com Hades:

*Hades, além de ser um deus das profundezas e invisível, é também a terra dos mortos. Muitos o vê apenas por um lado negativo, outros incluem também a visão de força criativa e transformação. É uma entidade arcaica de fertilidade ctônica. Não é ele quem traz a morte, temos outros deuses para este fim, mas ele recebe seus muitos convidados, eu, você e todos os mortais, sem exceção. Não julga, nem pune, todos recebem as mesmas boas-vindas. Ele rapta Perséfone, a única e linda filha querida de Deméter, que*

1. TURNER, V. (1967), *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*. Ítaca: Cornell University Press, p. 90.

2. McGuire, W. and R. F. C. Hull. (1952/1977), eds C. G. Jung *Speaking: Interviews and Encounters*. Princeton: Princeton University Press, p. 228.

estava colhendo flores. Perséfone, nos corcéis negros de Hades, viaja para o submundo nos braços de Hades, talvez em óh com a beleza mineral do submundo. Ele, talvez já apaixonado, tendo sido alvo da flecha de Eros, que é guiado por Afrodite, agora com sua perse, um turbilhão de intenso azul que se faz púrpura em sua própria negritude. Apesar de Deméter procurar Perséfone em todos os cantos, não a encontra. Entra em depressão, fica paralisada, confusa, não se reconhece como deusa, busca subterfúgios. Claramente ela é também raptada na alma, chora tanto que ameaça desertificar a Terra com suas lágrimas salgadas. Perséfone reina no mundo dos invisíveis e é a rainha dos sonhos. Tendo digerido a romã no reino dos mortos, adquire um conhecimento que não a permite estar no mundo dos vivos sempre. Pelo menos um terço do ano ela precisará estar em Hades, em profundo engajamento com este mundo mais interior, onde a noite encontra o dia, com o deus absconditus, absolutamente presente. A negociação de Perséfone para passar apenas um terço do tempo em Hades, se dá quando Deméter recupera suas forças femininas e negocia com Zeus, tendo também a ajuda de sua mãe, Réa. O retorno de Perséfone à mãe é tão precioso, que todas as cores sorriem, é primavera. Na alquimia, é a aproximação da *coniunctio*<sup>3</sup>, o ápice da opus.

Fiquemos com Hades neste artigo, com o preto. Assim como Hades, o preto tem um supremacia sobre todas as cores. Ele dissolve, extingue, rapta todas as cores, quebra paradigmas, sedutoramente desconstrói, corrompe, subverte, enegrece, inflexível, talvez seja intolerável, enluta. O preto, assim como Hades, é misterioso.

Na alquimia, o *nigredo*, o negrume. O trabalho alquímico pode acontecer iniciando-se por qualquer uma das fases. Em muitas inscrições alquímicas, percebe-se a recorrência dos aspectos simbólicos da *nigredo* em outras fases e suas respectivas cores. Apesar de não dever ser, necessariamente, a primeira das fases, demonstra sempre ser uma iniciação, tão profundos são seus aspectos, talvez a mais difícil das fases. Há vários chamados que me convidaram para iniciar estas reflexões. Uma delas: “Das três, o preto tem uma importância especial, como a base da obra, e até mesmo entra na formação da palavra ‘alquimia’. A raiz *khem* refere-se ao Egito como a terra preta, ou terra do solo preto, e a arte da alquimia era chamada de ciência ou arte ‘negra’. A tradição alquímica ocidental deita suas raízes na *techne* egípcia do embalsamento, do tingimento de tecidos, da joalheria e da cosmética.” (Hillman, 2011, p. 131)

A fase *nigredo* abarca todos os conceitos conhecidos culturalmente em relação à cor preta, como caótico, depressivo, confuso, ctônico, perigoso, cheio de sombras e misterioso. E o *modus operandi* da *nigredo* se dá de forma recorrente nas operações da *mortificatio* (experiência da morte) e *putrefactio* (putrefação, decomposição), com intensas imagens arquetípicas de transformação, muitas vezes e, objetivamente, com a abordagem da morte.

Revisito as obras de Ad Reinhardt, Anselm Kiefer, Max Ernst, Maurits Escher, Mark Rothko, Pierre Soulage. Parece-me que são os artistas, que além de manter a alquimia viva através das pinturas, músicas e literatura, nos trazem também o aspecto luminoso da escuridão do preto, razão pela qual escolhi o título deste artigo, *lumen naturae* – luz escura da natureza.

O preto enquanto luz é ainda uma idéia cheia de paradoxos e necessita mais investigações, segundo John Gage: “O conceito de preto como cor (não simplesmente como escurecimento) tem sido debatido em círculos de pintores desde o Renascimento, e tinha sido mais ou menos aceito até o final do século XIX. Entre os contemporâneos de Matisse, o pintor bem conceituado em teoria, como Malevich, pôde até interpretar as linhas de absorção de Fraunhofer (linha em certos comprimentos de onda onde a radiação é absorvida por elementos na atmosfera) como evidência de que havia preto (também como branco, a soma de todas as cores da luz) no próprio espectro. Mas a noção do preto como uma luz é tão novo, tão paradoxal e tão radical que solicita um exame mais circunstancial.” (Gage, 2006: 234, tradução nossa)

Mesmo sendo renegado o preto como uma não-cor, e a alquimia não sendo mencionada como fonte de estudos nas teorias da cor, é realmente surpreendente encontrar tantos círculos de cores que incluem o preto<sup>4</sup>. E também é surpreendente ver Matisse listando entre suas cores na paleta, o preto, escrevendo inclusive em uma nota, que “o preto é uma cor em seu próprio direito.” (Gage, 1999: 229, tradução nossa). Gage nos conta que Matisse, juntamente com Pissarro, reconhece que Manet “faz luz com preto” e no seu *The Dinner Table*, diz “ser impossível criar luz com o branco”. E deixou isso bem claro com sua obra *Gourds*, escrevendo que “comecei a usar preto puro como uma cor de luz e não como uma cor da escuridão”. Não menos surpreendente é a obra *French Window – Collioure*, pintada no outono de 1914 com sensualidade, emoção, tridimensionalidade e até mesmo sombras de árvores ao fundo vistas da janela aberta para a noite escura. Tudo isso me faz lembrar Carl Gustav Jung.

Ainda com John Gage: “Aqui, com a adição de um meio altamente reflexivo, o preto pode ter radiância ou brilho; mas foi na pintura francesa moderna que Matisse detectou que mesmo o preto mate, como no seu sol preto em *Verve*, não era simplesmente usado como uma cor, mas especificamente como uma cor de luz.” (idem, 230, tradução nossa)

O sol negro é recorrente na alquimia. Stanton Marlan, em sua bela obra *The Black Sun – The Alchemy and Art of Darkness*: “O sol preto é um paradoxo. É mais negro do que preto, mas também brilha com uma luminescência escura que abre o caminho para alguns dos aspectos mais luminosos da vida psíquica. Procura um milagre de percepção no coração.” (Marlan, 2005: 5, tradução nossa).

3. Apesar de não haver um número exato das operações alquímicas, sete principais operações compõem as transformações: *calcinatio*, *solutio*, *coagulatio*, *sublimatio*, *mortificatio*, *separatio* e *coniunctio*. Edward F. Edinger em *Anatomia da Psique*, detalha cada operação e seus símbolos fornecendo categorias básicas para a compreensão da vida da psique para a constituição da individualização.

4. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/collections/colour-wheels-charts-and-tables-through-history/> Acesso 21 jun. 2017.

Outros pintores também se dedicaram ao sol niger. Max Ernst pinta seu *Black Sun* em azul e amarelo, que para mim, arquetipicamente falando é Perséfone e Deméter respectivamente, tendo como referência “duas propriedades da alquimia polarizadas, Philosophic Sulphur e Philosophic Mercury, polarizando os aspectos masculinos e femininos da matéria como o Rei e a Rainha, ou o sol e lua”<sup>5</sup>. Para Pierre Soulages, “o preto não é o fim, mas o ponto inicial para o sutil, quase inexplicável, luz”. (Marlon, 2005: 90). Anselm Kiefer pintou sua *Nigredo* em 1984, estampando a devastação da terra com suas feridas deixadas pela II Guerra Mundial, ano em que ele nasceu e, em 1997, sua obra *The Renowned Orders of the Night*, me faz calar com a grandiosidade diante o universo negro e nossa pequenez em solitude com o céu acima e seu manto de estrelas. Alguns o chama de “O Alquimista”, querido Kiefer, que também se dedicou ao sol niger na obra *The Starred Heaven* (1980).

Edinger, nos apresenta alguns trechos selecionados de diferentes textos alquímicos sobre o preto:

*Aquilo que não torna negro não torna branco, porque a negrura é o começo da brancura, bem como um indicio de putrefação e de alteração, e de que o corpo agora se acha penetrado e mortificado.*<sup>6</sup>

Ó feliz portal da negrura, exclama o sábio, que é a passagem para essa mudança tão gloriosa. Estude, pois, todo aquele que se aplicar a essa Arte, com o objetivo exclusivo de conhecer seu segredo, porque conhecê-lo é conhecer tudo, mas ignorá-lo é a tudo ignorar. Porque a putrefação precede a geração de toda forma nova da existência<sup>7</sup>.

*A putrefação tem tamanha eficácia que anula a velha natureza, transmuta todas as coisas numa nova natureza, e gera outro fruto novo. Todas as coisas vivas nela morrem, todas as coisas mortas decaem, e depois todas essas coisas mortas, recuperam a vida. A putrefação retira a acidez de todos os espíritos corrosivos do sal, tornando-os suaves e doces.*<sup>8</sup> (Edinger, 1985: 166)

Do negrume nasce a luz. É preciso ainda dizer que da semente mais querida de Deméter, nasce a primavera, mas que antes, deve descer ao reino da escuridão por pelo menos um terço do ano para germinar, assim como nós, dormimos um terço do dia, *oxalá* se dedicarmos aos sonhos, à revitalidade do sono para o esplendor do dia? Semear inclusive o ouro, frequente na alquimia como *corpus solis*, a consciência, para multiplicar-se, tarefa diária de todos os mortais, semear, apodrecer e tornar-se vivo, morrer e transformar-se? Há como passar por uma experiência de morte, seja um raptó na consciência, uma depressão, uma queda, uma perda, sem tornar consciente o que antes estava inconsciente? Algo novo emerge? Algum novo aprendizado?

Para James Hillman, o arquétipo do Renascimento e de todos os renascimentos psicológicos são de Hades. Mesmo se não conhecida, nomeada, sentida ou vista, uma vez que ele é invisível. Também talvez não esteja tão distante do mundo superior, uma vez Hades e Zeus são mais que irmãos, são partes do mesmo universo, um visto pela sombra e o outro visto pela luz. Tem o mesmo animal como atributo representativo, a águia.

Creio que a ciência “Branca”, tão iluminada, ainda não alcançou e tampouco entendeu a linguagem metafórica da alquimia intitulado-a de pseudo-ciência, coisa de “mágicos e charlatões”. Quer pela “ciência” não obter dados “racionais” na linguagem alquímica, quer por não querer de fato assumir o pavor caótico e a magia sugerida pelo próprio preto, nosso inconsciente invisível, sensivelmente coletivo. Ciência, esse substantivo feminino enquanto conhecimento atento e aprofundado via observação, identificação, pesquisa metódica e explicação. Todas qualidades pertencentes à alquimia, sendo que este último, a explicação, necessariamente, *ave!*, teve que ser guardada por imagens com breves e complexas explicações, justamente para salvar os fenômenos e não cair no literalismo e ser direcionado erroneamente. Em se tratando aqui da fase *nigredo*, do nosso preto abismal e magnânimo *lumen naturae*, Mircea Eliade amplifica e nos diz: “... a dissolução e a reintegração do caos é uma operação que, seja qual for o seu contexto, apresenta pelo menos duas significações solidárias: cosmológica e iniciatória. Toda ‘morte’ é ao mesmo tempo uma reintegração da Noite cósmica, do Caos pré-cosmológico, em múltiplos níveis, as trevas exprimem sempre a dissolução das Formas, o retorno à fase seminal da existência. Toda ‘criação’, todo aparecimento das Formas ou, em outro contexto, todo acesso a um nível transcendente, exprime-se por um símbolo cosmológico.” (Eliade, 1979: 120)

Revisando a obra *Mysterium Coniunctionis*, de Carl Gustav Jung que dedicou dez anos de sua vida aos estudos alquímicos, encontro que é pelo confronto nos opostos, no dualismo de quente/frio, húmido/seco, claro/escuro, inferior/superior, céu/terra, espírito/corpo, bom/mal, masculino/feminino, ativo/passivo, um atraindo o outro em dinâmicas e aceitação da psique nas experiências, que a consciência torna-se viva. Tarefa árdua ter consciência da própria sombra, de reconhecer a morte em vida, ou melhor, de aprender a morrer várias vezes. Leio o primeiro parágrafo e reconheço: “os fatores que se juntam na *coniunctio* são concebidos como opostos, enfrentando uns aos outros em inimizade ou se atraindo em amor.” (Jung, 2005: par. 525)

Ainda que Isaac Newton, que bebeu dos ensinamentos alquímicos, tenha feito a luz passar por um prisma para fazer sofrer (um movimento da *nigredo!*) a decomposição (outro termo da alquimia) das frequências que levam as cores do arco-íris, deixou-se contaminar pelo contexto cultural em que viveu, ficando mais comprometido com o avanço do heliocentrismo e racionalismo.

5. M. E. Warlick. (2001), *Max Ernst and Alchemy: A Magician in Search of Myth*. Austin: University of Texas Press, p. 1.

6. *The Lives of the Alchemystical Philosophers*, Londres: John M. Watkins, 1955, p. 145.

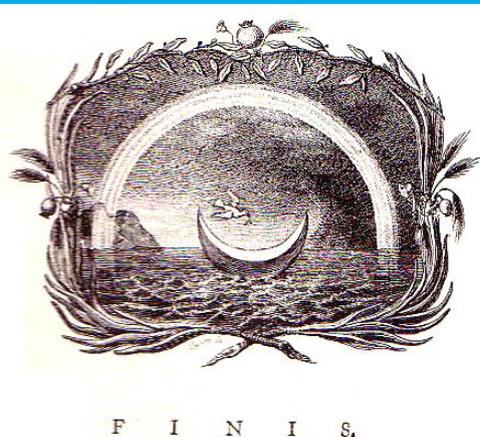
7. Comentário a “The Golden Treatise of Hermes”, citado em Atwood, M. A. *Hermetic Philosophy and Alchemy*, 1850. Reeditado. Nova York: The Julian Press, 1960, p. 126s.

8. Paracelso. (1967), *Hermetic and Alchemical Writings of Paracelsus*. Organizado e traduzido por A. E. Waite. New Hyde Park, Nova York: University of Books, p. 153.

Assim, parece-me que a “inteligência” venceu e esquecemos premissas básicas da alquimia: “Dissolve a matéria em sua própria água”. A *nigredo* se dissolve na água pela operação *solutio*, e na sua forma natural, o arco-iris. Veio o prisma ao invés da humidade, tão familiar à Afrodite, personificação da beleza e do amor. Cisão já intolerável. Junto com Hillman, clamo pela visão pós-newtoniana incluindo o *lumen naturae*. Jung, sempre atento e atual, nos alerta sobre a univocidade da “razão”, tão bem conhecida e comprovada tragicamente, ferozmente: “É amargo, na verdade, ter de reconhecer – por trás de seus ideais tendentes para as alturas, por trás de suas convicções parciais e frequentemente pertinazes, mas por isso tanto mais acariciadas, e por trás de suas reivindicações orgulhosas e heróicas - apenas egoísmo crasso, veleidades infantis e apegos de comodismo. Essa correção penosa e essa relativização formam uma etapa inevitável em qualquer processo terapêutico. Como dizem os alquimistas, o processo começa pela *nigredo* ou a produz como condição prévia da síntese, pois jamais podem ser unidos os opostos que não estiverem constelados ou trazidos à consciência [...] A escuridão também pode engoli-lo, principalmente se encontrar parceiros da mesma opinião. [...] Trata-se de um mundo, de cuja perda trágica o homem moderno se ressentir por representar ela um déficit em sua formação. Em sua forma histórica, esse mundo está irremediavelmente perdido para ele. Essa perda já produziu milhões de empobrecidos espiritualmente e os obrigou a empregar sucedâneos tão lamentáveis quanto perigosos, para que a história de nosso tempo forneça provas aterradoras.” (Jung, 1985: 249)

Finalizo com a imagem alquímica, líquida e húmida com o arco-iris para nos dissolvermos com a radiância poética de William Blake, e já com inspirações para um próximo artigo, *Perse – Unio Mentalis*, antes de alcançar o branco na albedo, o intermediário azul, Perséfone, a que vive nos dois reinos. Sempre: cultivar beleza no mundo, premissa da psicologia arquetípica, *esse in anima*.

Figura IV: Moon-Ark, tailpiece de William Blake para Jacob Bryant. Bryant, J. *A New System or An Analysis of Ancient Mythology: wherein an attempt is made to divest tradition of fable; and to reduce the truth to its original purity...* Londres: 1774-1976.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDINGER, E. F. (1995), *Anatomia da Psique – O Simbolismo Alquímico na Psicoterapia*. São Paulo: Cultrix.
- ELIADE, M. (1979), *Ferreiros e Alquimistas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GAGE, J. (2012), *A Cor a Arte*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- (2006), *Colour and Meaning – Art, Science and Symbolism*. London: Thames & Hudson.
- (2005), *Colour and Culture – Practice and Meaning from Antiquity to Abstraction*. Singapore: Thames & Hudson.
- JUNG, C. G. (1985), *Mysterium Coniunctionis – Pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na Alquimia*. Petrópolis: Vozes.
- (1994), *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes.
- HILLMAN, J. (2011), *Psicologia Alquímica*. Petrópolis: Vozes.
- (2013), *O Sonho e o Mundo das Trevas*. Petrópolis: Vozes.
- MARLAN, S. (2005), *The Black Sun – The Alchemy and Art of Darkness*. College Station: Texas A&M University Press.
- ROOB, A. (2015), *O Museu Hermético Alquimia & Misticismo*. Hohenzollernring, Köln: Taschen GmbH, 2015.

## CURRÍCULO

### Luciana Aires Mesquita

É doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – PPGADC/IA/UNICAMP. Mestrado em Estudos Mitológicos com Ênfase em Psicologia Profunda, pelo Pacifica Graduate Institute, California, EUA (2001). Graduação em Artes Cênicas (1997) pela Universidade de Brasília - UnB. É idealizadora da *Mitoludens – onde deusas e deuses brincam!*